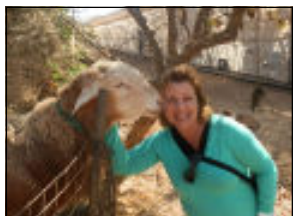


# Morada-Nova e Canárias, com raça além do esperado

*Débora Andrea Evangelista Façanha;  
Magda Maria Guilhermino; Luis Alberto Bermejo Asensio*

Durante o processo de colonização do Brasil foram introduzidos ovinos, caprinos e bovinos, provenientes de Portugal e da Espanha, principalmente, e em menor escala da Índia e da África, os quais, acredita-se que tenham dado origem às raças nativas contemporâneas, além de participarem na formação de outras raças ao longo de todos esses anos. Os animais que lograram sobreviver à caça e às secas, na região do Semiárido nordestino, multiplicaram-se segregando principalmente o sangue africano.

Quando se fala em ovinos, um recurso genético preciosíssimo é a raça Morada-Nova, catalogada em 1937 pelo Prof. Octávio Domingues, a qual recebeu o nome devido ao maior contingente encontrado no município de Morada Nova, sertão do Ceará. Anteriormente chamada de Vermelha Deslanada do Nordeste, como contam os criadores da referida cidade, que a defendem com muito orgulho, por ser dotada de grande rusticidade e excelentes prolificidade e habilidade materna, características que a tornam ideal para os sistemas de produ-



**Profª Magda Maria Guilhermino (UFRN), com um macho da raça Canária de Pelo.**  
*(foto: Tenerife-Espanha 2012)*



**Ovelha Morada-Nova, com três crias – Fazenda Lagoa do Meio, em Morada Nova (CE).**  
*(Foto: Profª Débora Façanha)*

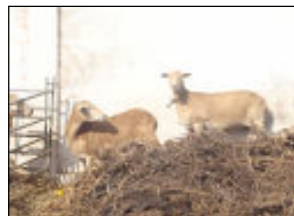
**Prof. Luis Bermejo em visita a Morada Nova (CE), 2011.**  
*(Foto: Profª Débora Façanha)*



**Ovelhas Canárias de Pelo, em Sistema Rústico de Criação – Finca Francisco Vargas – Tenerife, Espanha – 2009.**  
*(Foto: Profª Débora Façanha)*



**Ovelha Canária de Pelo com três Crias – Finca Goron Sur – Tenerife/Espanha, 2011.**  
*(Foto: Profª Débora Façanha)*



**Habilidade Materna, uma das principais características da Morada-Nova.** *(Foto: Profª Débora Façanha)*

ção de carne ovina no Semiárido brasileiro. A raça é filiada ao tronco Jaguaribe que deu origem também ao Pelo-de-Boi, que resultou na moderna Santa Inês, e outras - segundo o livro de catalogação "A Cabra & Ovelha no Brasil". Embora catalogada por Octávio Domingues, a origem do tronco Jaguaribe tem documentação até o século XVIII. O tronco Jaguaribe, por sua vez, é aparentado com as raças do grupamento West Africa, do qual derivaram as modernas raças: Pelibuey, Africana, Cubana Colorada, Barriga-Negra, Jaguaribe, Morada-Nova, Santa Inês, Mumbava, etc. - conforme fotografias 12 a 22.

Há quatro anos os ovinos Morada-Nova vêm recebendo especial atenção por parte de pesquisadores de diversas instituições situadas no Nordeste. Coordenado pelo Dr. Olivardo Facó, da Embrapa Caprinos e Ovinos, foi realizado com grande êxito e com a colaboração dos produtores associados da ABMOVA (Associação Brasileira de Criadores de Ovinos Morada-Nova), um projeto visando à Caracterização e Bases para o Melhoramento Genético da Raça. Este primeiro grande passo permitiu a criação da Rede Morada-Nova, a qual atualmente está trabalhando na segunda edição de Estratégias de Ação envolvendo agora não só o Melhoramento Genético da raça, mas Marketing, Associativismo, Bases para a Certificação de Origem da carne, pele e demais produtos obtidos a partir da criação racional desses animais em arranjos produtivos compatíveis com a realidade regional.

● **Origem** - Afinal, de onde vieram, mesmo, os ovinos Morada-Nova? Um dos pontos importantíssimos nos programas de conservação de recursos genéticos consiste em se elucidar a origem das raças, sobretudo as que estão em risco de extinção. Algumas teorias norteiam esta questão, sendo, porém mais aceita a de que esses animais (ou seus

ancestrais) seriam descendentes de ovinos Bordaleiros – Churros, trazidos de Portugal, que no entanto, curiosamente são dotados de lã. Teriam esses animais perdido esta característica ao longo do seu processo adaptativo ao ambiente



**Ovelha Canária de Pelo – A seleção priorizou Ganho de Peso – Finca El Helecho – Tenerife/ES-2011.**

(Foto: Profª Débora Façanha)

**Machos Ovinos Canária de Pelo – Finca Javier Cabello – Tenerife/ES-2012.**

(Foto: Profa. Magda Maria Guilhermino)



**Prof. Luis Bermejo em Prática de Avaliação das Carcaças de Ovinos Canária de Pelo.**



**Reunião com os Produtores da ABMOVA – Fazenda Ilha Grande, em Morada Nova (CE) – Brasil, 2011. (Foto: Profª Débora Façanha)**

semiárido? Até hoje não se confirmou que sim, nem que não, mesmo conhecendo-se a grande semelhança com a raça Africana, a Pelibuey, e outras, em vários países de língua latina.

Há mais ou menos um ano, a Professora Débora Façanha, ao ler um livro sobre biodiversidade ovina iberoamericana, de repente exclamou: - "Morada-Nova ou Canária de Pelo"? Intrigada com tamanha semelhança, foi pesquisar de onde era aquela raça e descobriu que era a raça de Pelo Canária e era originária do Tenerife. Tenerife? Também não tínhamos menor idéia onde era isso! (Desculpem-nos a ignorância). Agora, estamos, aqui no Tenerife, uma das sete



**Grupamento West Africa que influenciou fortemente as raças do Semiárido nordestino.**

**Raça Barriga-Negra (Brasil), mas enquadrada como Pelibuey e, quiçás, como Blackbelly, no exterior.**



**Raça Cubana Colorada, nada mais que o Barriga-Negra brasileiro, com chifres, conforme praticado na Fazenda Carnáuba (Taperoá, PB).**

Ilhas Canárias, pertencentes à Espanha, localizadas no Oceano Atlântico entre Marrocos e Portugal, pois esta semelhança entre raças gerou um projeto de cooperação internacional entre o Brasil e a Europa para a utilização e conservação de raças ovinas autóctones.

● **Tenerife** - O Tenerife é a maior ilha do Arquipélago, muito rochosa, com solo de origem vulcânica, clima com características mediterrâneas com pouca variação de temperatura (18 a 25°C) e baixa precipitação (400-1.000 mm/ano). Possui paisagem característica das forças titânicas que originaram a ilha e, à medida em que aumenta a altitude, diminui a temperatura e aumenta a precipitação, alterando os ecossistemas, o que confere à ilha 5 ecossistemas distintos. Excetuando-se as áreas de conservação ambiental, o Tenerife possui uma densidade populacional de 1.000 habitantes por km<sup>2</sup> e tem a força de sua economia baseada no turismo, pois recebe 12 milhões de visitantes por ano, os quais precisam ser alimentados diariamente!

Cerca de 40% do seu território é protegido por meio da criação de parques nacionais. Em relação às fontes de água, não possui rios ou lagos; toda água é subterrânea, a qual é distribuída à população por gravidade, sendo que 39% desta água atende à população e o restante é destinado à agricultura, que responde por apenas 4% do PIB insular; sendo destes 75% agricultura e 25% pecuária. A maior produção é de banana (área de 9.000 hectares) e tomate. Os sistemas de produção de carne ovina vieram atender a demanda dessas culturas, em esterco e consumo do resíduo produzido por elas. Originalmente, cogitou-se a criação de avestruzes, mas como esses animais não consomem restos de culturas, investiram então em ovelhas, que o fazem com muita eficiência. Esses animais são alimentados com palha de tri-

go comprada na Península, além de concentrados e sal mineral. A suplementação alimentar vem de resíduos dos cultivos agrícolas, tais como caule de banana, rama de tomates, frutos refugados de banana e tomates, resíduos de hortaliças, entre outros. Dos 25% que a pecuária representa do PIB da agrícola, 30% provêm da produção de queijos de cabra (260.000 cabeças) e 1,5% com carne ovina (45.000 cabeças).

● **Raça Canária** - Há mais ou menos cinco anos, percebeu-se que era o momento de se resgatar uma das principais raças “autóctones” da ilha, com grande potencial para atender à demanda da agricultura. A ovelha de pelo Canária começava um novo capítulo de sua história, através do projeto de recuperação da população, conduzido pela Equipe de Zootecnia da Universidad de La Laguna, liderada pelo Prof. Luis Alberto Bermejo. Da mesma forma que a Morada-Nova, esta é uma raça bastante adaptada ao clima árido da ilha e às condições rústicas de manejo e alimentação. Os criadores da raça participam de um programa de melhoramento genético que já produziu 4 catálogos de reprodutores, atualmente utilizados nos esquemas de acasalamento, visando principalmente ao aumento do peso ao abate e à qualidade da carcaça. Apesar das condições rústicas que apresenta a maioria das propriedades, esses animais são abatidos com idade variando entre seis e oito meses e toda a carne é consumida na própria ilha, que apresenta um mercado em expansão, devido à demanda por parte da população e dos restaurantes especializados, bastante apreciados pelos turistas.

Mas o que que eles têm que nós não temos? Com todo respeito a ambas as partes, esta pergunta estimulou a curiosidade de conhecermos melhor esta raça, tão adaptada às condições de aridez, bem como seus sistemas de produção, organizados de forma a fornece-



Na América espanhola, a raça Africana admite todas colorações, como o antigo grupamento Jaguaribe (Brasil) e o próprio West Africa.

Macho da raça Africana, na Venezuela e Colômbia.



Fêmea da raça Africana.

Macho Pelibuey, observado por Mason, em trabalho pela FAO.



Lote Pelibuey, na Argentina.

rem ao mercado animais precoces com carcaças de qualidade, a preços justos e atrativos. Outra vantagem é a produção de esterco que, juntamente com a cama utilizada, constitui um substrato essencial para o cultivo de banana, entre outros, incluindo os orgânicos, o que garante agregação de valor, além de geração de empregos e renda.

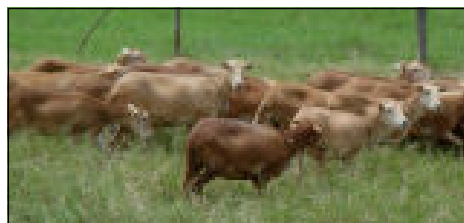
Isso mesmo: adaptação e sistemas de produção eficientes, compatíveis com a realidade local. O que mais precisamos para um estudo que pode servir como exemplo aos nossos produtores, em todos os segmentos da cadeia produtiva da carne ovina?



**Lote Cubana Colorada, na Argentina.**



**Pelibuey e m exposições no México.**



**Lote Cubana Colorada, na Argentina.**

● **Futuro** - Com essa ideia é que estamos desenvolvendo dois projetos de Pós-Doutorado em parceria com a Uni-

versidade de La Laguna. Um projeto, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Débora Façanha, especialista em Ecofisiologia da Adaptação, trata da avaliação das respostas fisiológicas e características morfológicas que a raça desenvolveu para se adaptar ao clima árido da ilha. Para isso, realizamos coletas periódicas de respostas termorreguladoras, como temperatura retal e de superfície, frequência respiratória, coletamos dados de pelame, para estudos de densidade, comprimento e diâmetro, e completamos o protocolo com avaliações do equilíbrio orgânico através de indicadores hormonais, bioquímicos e hematológicos, sempre acompanhados do monitoramento meteorológico. Todas essas variáveis serão analisadas e relacionadas com dados produtivos, como por exemplo, condição corporal, peso, dados reprodutivos e qualidade das carcaças.

O outro projeto, liderado pela Prof<sup>a</sup>. Magda Maria Guilhermino, especialista em Sistemas Sustentáveis de Produção Animal, tem como objetivo avaliar a cadeia produtiva da carne ovina e a sustentabilidade dos sistemas de produção. Para isso, trabalhamos com metodologias participativas para saber a visão dos produtores sobre seus sistemas, suas questões econômicas, ações de conservação dos recursos naturais utilizados na produção como a água, o ar e o solo e a preservação do meio ambiente. Avaliamos também formas de comercialização e organização da cadeia produtiva e principais entraves.

Depois de analisados, esses resultados nos permitirão fazer um diagnóstico da longevidade desses sistemas e fazer um paralelo sobre o que poderemos usar ou não, para os sistemas brasileiros de produção de ovinos de carne.



*Débora Andrea Evangelista Façanha - Depart. de Ciências Animais - Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA – Mossoró - RN - Magda Maria Guilhermino - Unidade Acadêmica Especializada em Ciências Agrárias - Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN - Natal - RN - Luis Alberto Bermejo Asensio - Escuela Tecnica Superior de Ingenieria Agraria - Universidad de La Laguna – ULL-Tenerife- ES*